

As Redes culturais na festa de Na. Sa. Achiropita: conexões folkcomunicacionais, mutabilidade cultural e ação local

*Cristina Schmidt*¹

RESUMO

A festividade de Nossa Senhora de Achiropita - SP é um conjunto de produtos culturais que fazem parte da vitrine turística do Estado de São Paulo. Essa expressão religiosa com 90 anos demonstra uma correlação de grupos para superação econômica e atuação comunitária. Este artigo está fundamentado na folkcomunicação e nos estudos culturais, e por meio de observação participante da festa, identifica aspectos como: as canções italianas enquanto expressão imigrante e de comercialização cultural; a festa como um repertório da identidade paulista; as redes culturais comunicativas com referência urbana e contemporânea. Constatou-se que a festa religiosa está articulada com a economia mundial e sintonizada com as tecnologias para o desenvolvimento local.

PALAVRAS-CHAVES

Festa Religiosa, Cultura Italiana, Rede Comunicativa, Folkcomunicação, Desenvolvimento Local.

Cultural networks in Nossa Senhora Achiropita party: Folkcomunicacionais connections, cultural mutability and local action

ABSTRACT

The Party of Our Lady of Achiropita - SP is a set of cultural products that are part of the tourist showcase of the São Paulo State. This religious expression with 90 years shows a correlation groups to overcome economic and community action. This article is based on folk communication and cultural studies, and through party participant observation, identifies

¹ Doutora em Comunicação pela PUC-SP. Coordena o Mestrado em Políticas Públicas da Universidade de Mogi das Cruzes (UMC), onde também é professora e pesquisadora. E-mail: crisschmidt@umc.br

aspects such as: the Italian songs as an immigrant expression and cultural marketing; the party as a repertoire from the state identity; communicative cultural networks with urban and contemporary reference. It was found that the religious party is linked with the world economy and in tune with the technology for local development.

KEY-WORDS

Religious Party, Italian Culture, Communicative Network, folk communication, local development.

As festas e as redes comunicativas

As festas e rituais compõem processos socializadores e humanizadores na comunidade, são processos folkcomunicacionais que possibilitam a conexão com a história e o lugar. E a repetição deles proporciona o estabelecimento de redes culturais de relacionamentos interpessoais e, até, de posicionamentos quanto às políticas de desenvolvimento das localidades. (SCHMIDT, 2009a). A Festa com um repertório estrutural histórico e cultural se integra à vida do povo, seja ele nativo ou imigrante, e traz referências aos processos e valores para atender necessidades do tempo presente; com isso, evidencia a mutabilidade cultural e as redes comunicativas dos diferentes grupos.

Conforme já constatamos ao longo de nossas pesquisas sobre a cultura paulista, as festas religiosas sempre foram expressões marcantes na vida rural do estado de São Paulo, que repercutem até a atualidade nos aspectos econômicos e políticos das pequenas e grandes cidades paulistas. Com o crescimento econômico do interior de São Paulo o campo foi urbanizado e características da metrópole se aproximam às do campo, e o que antes era distante passa a integrar os processos culturais (SCHMIDT, 2001 e 2009a). E agora, em nosso estágio pós doutoral, verificamos que as festividades fomentam expressões populares que se articulam formando uma rede cultural entre diferentes grupos, e facilitam o processo de integração do italiano emigrado e do caipira, rústico e miscigenado, sob forte influência dos colonizadores portugueses.

Conforme argumenta Boris Fausto (in SCHWARCZ, 2002) a imigração para o Brasil ao longo dos anos e, particularmente para São Paulo, adquire novos desdobramentos e significados. Não representa mais um rompimento total com o plano material e o plano imaginário. Do mesmo modo, mantém memórias do passado e dos tipos de relações sociais

estabelecidas até então, vai sustentar um envolvimento diferenciado com o presente e os grupos sociais que o compõe. As festas, as conversas, as músicas, o trabalho – e até o sotaque - adquirem funções importantes nesse processo. A terra natal do povo imigrante fica na memória, o universo local em que se instalam oferece outras referências, e juntos com os povos da terra nova compartilham uma “terra *nostra*”.

A festa religiosa apresenta-se como exemplo bem elucidativo para compreender como esses grupos migrantes, em diferentes redes culturais, se articulam em ações de comunicação diversas em uma única manifestação. Por meio de orações, procissões, músicas, dança, alimentação, e dos meios formais como o boletim da igreja e a mídia massiva a comunidade se comunica, se integra e se empodera.

O período das festas populares leva ao reencontro com as origens; as festas são

uma forma de identificação coletiva, de comunicação coletiva. Permitem a liberdade de expressão e a valorização individual e até local. Elas incorporam elementos/códigos novos, atualizam os já existentes, ou retomam alguns passados. As festas são expressão e patrimônio simbólico de um grupo social em um processo de comunicação. (SCHMIDT, 2001, p.37)

Para os grupos envolvidos em toda a preparação e execução da Festa, principalmente a religiosa, é um período em que as relações vão além das cotidianas. Esse é um tempo extraordinário que remete a referências místicas e sobrenaturais com seus santos padroeiros e todo o ritual que envolve a devoção e a religião na qual está inserido.

Para os grupos religiosos e devotos, principalmente, os rituais são muito importantes na composição de suas vidas, tem sentido valorativo pessoal e coletivo, mas também um significado sobre-humano, pois nessas ocasiões

o povo penetra no reino utópico da universalidade, liberdade, igualdade e abundância. E independentemente das imposições do mercado, a festa serve de atualização das crenças, dos mitos, do cosmos. A partir do reavivamento de elementos do patrimônio cultural local, o povo todo se renova e renasce. (SCHMIDT, 2001, p.37)

Essas são trocas extraordinárias que ocorrem fora da ordem cotidiana, e geram redes culturais com grupos diferentes, participantes da mesma festividade. Eles se relacionam utilizando antigos e novos códigos compreensíveis entre si, estabelecem comunicação. Isso é

o que Beltrão conceitua como um processo folkcomunicação, um sistema interpessoal onde a comunicação está relacionada a um mundo e não ao mundo, ou seja:

(...) um processo artesanal e horizontal, semelhante em essência aos tipos de comunicação interpessoal, já que suas mensagens são elaboradas, codificadas e transmitidas em linguagens e canais familiares à audiência, por sua vez conhecida psicológica e vivencialmente pelo comunicador (...). (BELTRÃO, 2001, p.40)

Na Festa de Nossa Senhora de Achiropita - SP, em nossa análise, fundamentada na teoria da folkcomunicação e nos estudos culturais, pudemos identificar aspectos importantes como: a) A festa religiosa é colocada como principal motivo dos organizadores, apesar de toda a renda se reverter para ações comunitárias; b) as canções italianas, executadas durante a festividade, são um meio de transmissão de características identitárias e de atrativo turístico; c) a Festa se faz como um repertório de referências da comunidade evidenciando sua mutabilidade cultural; d) existem diferentes redes culturais com processos de comunicação formados a partir da festa que fortalece a comunidade.

Abaixo trazemos um pouco sobre a imigração italiana e sua relação com as festividades; e, na apresentação sucinta da Festa de *Achiropita*, buscamos descrever os processos que compõem a festividade por meio dos grupos que se inter-relacionam durante todo o período festivo, formados pelos organizadores, pelos voluntários, pelos devotos, pelos participantes/visitantes, pelos apoiadores institucionais e comerciais, pela mídia tradicional.

Para o entendimento da integração e reconfigurações da cultura italiana no estado de São Paulo, além de autores como Antonio Carlos Rodrigues Brandão (1985), que tem amplo trabalho de investigação sobre “os povos paulistas”; também utilizamos Ecléa Bosi (1987) que descreve os movimentos humanos como processos de desenraizamento e um novo estar territorial, territorialização ou enraizamento. E, nesse sentido, adotamos Nestor Garcia Canclini (2003) no tratamento das incorporações culturais como hibridismo, que ele define como sendo resultante do contato com o outro de um diálogo multicultural nem sempre pacífico e harmonioso.

Também fazemos uma aplicação do conceito de Redes Culturais Comunicativas. Esse conceito, trazemos de nossas pesquisas do estágio posdoutoral (SCHMIDT,2016), onde

definimos como: Redes Culturais Comunicativas compreendem estruturas e/ou expressões sociais coletivas vividas que possibilitam conexões interpessoais e grupais, por meio de linguagens próprias para expressar seus valores, com utilização de diferentes tecnologias, e atuação em diversos espaços. As Redes Culturais Comunicativas, portanto, são formadas a partir da conexão de grupos culturais com códigos próximos ou comuns que faz aproximações, permite compartilhamentos, e expande comunicações.

Essa pesquisa da Festa de Nossa Senhora de Achiropita, portanto, é uma parte do nosso estudo, e se desenvolve com abordagem qualitativa, com utilização de levantamento bibliográfico e documental, no que se referiu ao material sobre a imigração em São Paulo e a história e características da Festa de Na. Sa. de Achiropita. Em campo, utilizamos a Observação Participante, método utilizado muito em casos em que a pesquisa exige uma visualização mais comprometida e vivenciada do objeto, e também por ocorrer a necessidade de compartilhamento de informações para que a descrição traga mais consistência e detalhamento. Ainda, esse método permite uma apreensão mais complexa do contexto e dos processos que envolvem o objeto estudado. (DUARTE e BARROS, 2005, p. 125-144)

1. Os italianos e a festa

Como parte de uma política para melhorar as relações internacionais e reconfigurar a qualidade da mão de obra interna, logo após a abolição da escravidão negra, o Brasil passa a receber um contingente significativo de trabalhadores imigrantes de diferentes países europeus. (SCHWARCZ, 2002, p.187) Nessa conjuntura os italianos vieram em grande monta para o país, e de modo mais acentuado para as regiões sul e sudeste, e destacando para esta análise o representativo número que veio para o estado de São Paulo. Vinham de navios famílias e grupos que representavam uma comunidade inteira, faziam a travessia transcontinental de maneira rudimentar e com nenhum conforto. Mas, não eram transportados como escravos, apesar das condições nos navios chegarem próximas da miséria. Em acomodações simples e superlotadas, os italianos percorriam quilômetros de mar estabelecendo contatos e relações afetivas com os compatriotas. Dividiam esperanças, projetos, angústias e, muitas vezes, alimentos e medicações. Também dividiam diferenças e inimizades.

O navio era o primeiro momento de desenraizamento, mas um processo que possibilitava a criação de laços. Tanto que, uma atitude muito comum aos italianos era definir os casamentos de seus descendentes com famílias que conheceram no navio; ou estabelecerem relações comerciais, a partir da confiança que adquiriram na embarcação. Também, após chegarem às cidades de destino, os grupos que viajaram juntos buscavam se alojar ou construir suas casas em localidades próximas, para empreenderem juntos e fortalecerem laços afetivos de solidariedade. Esse tipo de comportamento amenizava a integração cultural. (SCHMIDT, 2009b)

Essa aproximação de grupos, pelo menos inicialmente, possibilitou a criação de organizações civis que iriam atuar mediando a esfera pública e privada. Como é o caso da sociedade de assistência e socorro social, dos clubes esportivos, teatros, templos religiosos e cemitérios, e das organizações políticas como os sindicatos. Para muitos imigrantes, os poderes instituídos representavam apenas um sistema de repressão e extorsão. Os italianos, assim como muitos europeus, trouxeram para a nova terra uma postura política diferenciada e moldada pela militância anarquista. Também comemoravam datas importantes para o operariado daquela época, como o dia do trabalho. (SCHMIDT, 2009b)

São Paulo recebera os italianos, assim como os demais imigrantes, com muita restrição de direitos; e, os brasileiros demonstravam sentimentos de resistência ao “forasteiro”, ao mesmo tempo em que desejavam o trabalho dessa gente nova. Do outro lado, dos estrangeiros, não era diferente. “De um lado, a inveja do modo como os nacionais se apresentavam, comportando-se como *donos da terra*; de outro, desprezo pela sua suposta condição física doentia, pela aversão ao trabalho”. Isso não era uma posição unânime entre os estrangeiros, uma vez que tinham origens em diferentes etnias, mas isso só acentuava a elaboração de “imagens preconceituosas” de ambos os lados. O que era consenso entre os imigrantes era a convicção de sua dedicação pelo trabalho e por isso serem “os verdadeiros construtores de uma cidade que ia se transformar em uma metrópole.” (FAUSTO in SCHWARCZ, 2002, p.26-27)

Os italianos com suas práticas culturais de toda ordem marcam a formação da nova sociedade brasileira, particularmente a sociedade paulista. Festas religiosas públicas e privadas: devoção a Santos, batizados, casamentos, funerais. Festas gastronômicas: culinária,

ervas e temperos. Relações de trabalho: a propriedade e o trato com a terra, a diversificação do comércio, a organização da indústria, os salários e benefícios, os sindicatos. Características da arquitetura urbana: praças, ruas, vilas, casas e cortiços. As artes: nas pinturas, danças, teatro, músicas. A diferenciada vestimenta: tecidos, uniformes, modelos/moda. Utensílios domésticos, materiais e equipamentos de trabalho agrícola e industrial. Todos esses traços fizeram parte da hibridação nacional. Manifestações de lá e daqui foram se adequando à vivência compartilhada na terra brasileira.

Um dos aspectos mais importantes para ambos os povos e que formam importantes espaços socializadores são os rituais e festividades religiosos. E conforme a crença se estabelece um calendário de comemorações diferente, inclusive daquele que estava oficialmente estabelecido. Boris Fausto relata que a veneração a um santo para apelar sua proteção aproximou, em muitas localidades, grupos nativos aos imigrantes e também o inverso. Inicialmente as festividades eram realizada como evento privado, aos poucos foi ganhando as ruas e envolvendo outros grupos de diferentes etnias (FAUSTO in SCHWARCZ, 2002, p.29). Com o passar dos anos as festas italianas foram ganhando grande proporção e se institucionalizaram como é o caso da Festa de Nossa Senhora de *Achiropita*, que para os organizadores da festa, e de acordo com os registros nos boletins e atas da Paróquia, iniciou as manifestações nas primeiras décadas do século passado e hoje figura como uma das principais festas do Estado de São Paulo em sua nonagésima edição.

2. A Festa de Nossa Senhora de Achiropita

Nossa observação do evento inicia-se às 17 horas do primeiro sábado de agosto, e a noite vai chegando a um dos bairros mais tradicionais da cidade de São Paulo - o Bixiga, e a iluminação pública ganha maior intensidade na Rua 13 de maio, em frente à Igreja de Nossa Senhora de *Aquiropita*. Muitas pessoas, milhares, circulam pela localidade em meio as 30 barracas da maior quermesse religiosa da capital, como festividade oficial da cidade, a Festa de *Achiropita completa 90 anos*. É uma mistura de sons, aromas e cores que demarcam uma comunidade urbana bem característica da história paulista, os italianos e seus descendentes. Uma festa grandiosa que homenageia Nossa Senhora de *Achiropita* e a trajetória dos imigrantes italianos com os trabalhos sociais, e tem como grande apelo a comida italiana. O

evento envolve mais de 950 voluntários para sua organização e para atender cerca de 300 mil pessoas durante os quatro finais de semana do mês de agosto.

(Figura 1: Ilustração utilizada no site oficial e nas peças de divulgação no ano de 2016 em comemoração aos 90 anos de realização da festa)



(Fonte: www. <http://www.achiroppita.org.br/festa-da-padroeira/historia-de-n-sra-achiroppita>)

Na igreja da Nossa Senhora, observamos que a missa em sua homenagem e para agradecimentos dos imigrantes italianos e seus descendentes, e de seus devotos numa mistura de etnias que reflete a formação da cultura paulista. A cada nova missa, mais homenagens, agradecimentos, bênçãos. É comum encontrar pessoas de diferentes faixas etárias emocionadas e entregues a uma gratidão religiosa repetindo preces, entregando ex-votos, ajoelhadas em orações. Na última década, o tema da festa se vincula à campanha da fraternidade, instituída pela igreja católica, como o deste ano de 2016 é “No sim de Maria, a Misericórdia se revela”. Nesse espírito, a arrecadação proveniente do evento é destinada a obras sociais e projetos culturais desenvolvidos pela igreja e pela comunidade do bairro.

Nas ruas próximas, uma agitação envolvente, um contentamento contagiante, e um aroma que praticamente carrega os visitantes às barracas que ofertam as mais diferentes iguarias italianas. A *fogazza* é a campeã em vendas; são mais de 12 mil unidades por final de semana. Mas têm outros pratos típicos de massas, os lanches de linguiça, os doces e bebidas que promovem filas enormes para apreciar a culinária das *mamas*. Enquanto se aguarda a guloseima, o som contagiante da música italiana tradicional como a tarantela ecoa pelos alto

falantes e agita as danças a caráter no palco, num frenesi que impele a todos para a dança e a alegria compulsória.

A programação, de acordo com os organizadores, é preparada para transcorrer todas as sextas, sábados e domingos do mês de agosto em atividades religiosas e culturais, ou as sagradas e as festivas. As primeiras são realizadas na igreja com as missas, novenas e a grande procissão quando, carregada pelos representantes da Irmandade, Nossa Senhora percorre as ruas do bairro abençoando os moradores, comerciantes e a todos os presentes. É um momento de grande comoção e participação dos moradores e visitantes acompanhando o cortejo de *Achiropita* pelas ruas do Bixiga; local inclusive onde se expressam (em outras épocas do ano) outros grupos populares como a Congada de São Benedito e de Nossa Senhora do Rosário, capoeira e missas congas (No dia 13 de maio, na Rua Treze de maio e na própria Igreja de *Achiropita*).

As atividades festivas ficam ao longo das ruas Treze de maio, São Vicente e Luis Barreto que são totalmente decoradas com bandeiras, lanternas, fitas, sempre nas cores alusivas às Italianas – vermelha, branca e verde. Ali são montadas as 30 barracas da quermesse com as comidas típicas preparadas pelas chamadas “mamas de *Achiropita*”. Entre os pratos oferecidos se encontram *fogazzas*, *fricazzas*, polentas, *antipasti*, macarrão, pizzas e *melanzanas* ao forno, lanche com linguiça e doces. Ainda na parte externa, para as crianças tem as tendas voltadas a brincadeiras e gincanas, e para adultos as barracas com artesanato e souvenirs. No que é chamado de parte interna da Festa está a **Cantina *Madonna Achiropita***. Lá o visitante pode sentar-se à mesa e desfrutar do cardápio gastronômico e musical, com cantores e bailarinos que apresentam um repertório de canções e danças tradicionais, complementando as atrações com leilões e sorteios de brindes.



Figuras 2: Decoração e frequentadores da festa.



Figura 3: Participantes em oração na igreja.

(Fonte: [www. http://www.achipopita.org.br/festa-da-padroeira/historia-de-n-sra-achipopita](http://www.achipopita.org.br/festa-da-padroeira/historia-de-n-sra-achipopita))

Figura 4: Elaboração da Fogazza, o prato típico mais vendido. Figura 5: Apresentação de canção popular italiana.



(Fonte: [www. http://www.achipopita.org.br/festa-da-padroeira/historia-de-n-sra-achipopita](http://www.achipopita.org.br/festa-da-padroeira/historia-de-n-sra-achipopita))

As canções italianas executadas durante a festividade representam um forte apelo à memória cultural e às tradições daquela gente, são uma forma de transmissão de elementos que caracterizam uma identidade do passado mas atualizando-as na São Paulo contemporânea e na comercialização de uma herança cultural. E, para envolvimento maior da plateia com os músicos, o repertório traz canções como *La bella polenta*, que faz parte da cultura popular, e que é apresentada performaticamente com gaiteiros e dançarinos com roupas também da tradição popular, fazendo com que todos os presentes participem cantando e dançando.

Outros estilos musicais cantados e dançados repetidas vezes são a tarantela como *Funiculí Funiculá* e óperas midiaticizadas como *Amigos para sempre*. Canções italianas das décadas de 1940 e 1950 também são interpretadas de modo dramático, provocando os presentes e, invariavelmente, fazendo com que formem cordões de dançantes percorrendo o salão entre as mesas. Nesse momento atemporal todos se integram em uma grande comunidade festiva de comunicação, com trocas afetivas, históricas e comerciais.

De acordo com os documentos disponíveis na paróquia e no site oficial www.achiropita.org.br, a Festa de N. Sra *Achiropita* teve início no começo do século XX, quando os primeiros imigrantes chegaram ao bairro do Bixiga. Esses pioneiros trouxeram consigo uma imagem que passou a ser venerada pela comunidade em 1908. Com o passar dos tempos, o altar que ficava na residência de um devoto ficou pequena frente ao número de fiéis que se aglomerava. Então, com o objetivo de adquirir terreno e construir uma igreja para a Santa, a comunidade italiana começou a realizar anualmente quermesses beneficentes no mês de agosto. E ano após ano o crescimento da festividade era significativo, ao ponto de ser instituída oficialmente como uma organização não governamental e receber apoios institucionais como do Estado e do Município. Além da Igreja, várias atividades sociais foram implantadas e são mantidas com a arrecadação da Festa – creche, oficinas de arte e artesanato para terceira idade, escola de ensino fundamental e médio, e alfabetização de adultos.

Como parte do calendário oficial de atividades culturais do país, e uma das principais do estado de São Paulo, a partir da década de 1990 a Festa de *Achiropita* passa a contar com parcerias e patrocinadores como empresas de alimentos e bebidas, agências de turismo, hotéis, grupos musicais. A mídia tradicional também tem participação importante divulgando o evento e vinculando suas marcas à festividade como a Globo São Paulo em seus telejornais regionais e locais, o jornal o Estado de São Paulo e Folha de São Paulo com matérias nas editorias de cidades e turismo. Também cobrem as atividades emissoras como a Bandeirantes, em programas de culinária, ou a Gazeta com telejornal e programa “Todo Seu” de Ronie Von, e a Rede TV já cobriu pelo programa “Leão Livre” de Gilberto Barros. Emissoras de rádio noticiam o evento e, também, TVs de *internet, blogs e Facebook*.

Figura 6: Cobertura jornalística pela mídia tradicional.



(Fonte: [www. http://www.achipopita.org.br/festa-da-padroeira/historia-de-n-sra-achipopita](http://www.achipopita.org.br/festa-da-padroeira/historia-de-n-sra-achipopita))

Conclusões

A festa religiosa como processo de comunicação e objeto de estudo da folkcomunicação evidencia a identidade dessa comunidade italiana-paulista que se apega às origens da imigração para sua expressão religiosa e cultural com perfil dinâmico e integrador aos processos econômicos da cidade. A identidade molda-se aos tempos e relações sociais do momento. Existem resistências que definem a Festa de *Achipopita* como festa italiana, mas os organizadores preferem chamá-la de festa religiosa. Aditem, para uma promoção comercial, dizer que “*as mamãs da Madonna*” é que fazem a festa. Muitos descendentes dos imigrantes italianos e outros como os portugueses, e até os japoneses, são integrantes dessa comunidade festiva, desse bairro paulista. Todos esses grupos, urbanizados e hibridizados, conectados por redes culturais diferentes aos italiano-paulistas.

O mais importante nesse processo religioso é constatar que em cada segmento da festividade existem redes culturais que transmitem informações diversas de identidade e mutabilidade. Nos rituais ligados à solenidade religiosa (procissão, novena, bênçãos, orações) as expressões comunicam a fé, a história passada e a recente da comunidade italiana e suas relações com a igreja e outras manifestações de fé no bairro. Nas barracas de produção dos alimentos, a comunicação dos aromas e sabores articulam uma rede dos valores familiares, das tradições culinárias, e das memórias revividas. Do mesmo modo ocorre com a música; na

festa ela parte de uma informação das tradições migrantes e da colonização e, atualizando, evidencia as redes culturais entrelaçadas às produções midiáticas do mundo dos espetáculos e do entretenimento.

Com a presença de grandes jornais impressos; emissoras nacionais, regionais e locais de TVs e Rádios, além dos espaços na internet, esse povo paulista se rearticula, portanto, nessa grande manifestação religiosa, em suas formas de comunicar e se relacionar culturalmente com os integrantes do bairro e com os turistas, com os políticos e com os empresários. Essa rede é codificada na festa pelas danças, pelas músicas, pela gastronomia, pelos rituais sagrados em um evento com dimensões globais e características culturais contemporâneas.

Nota-se que o italiano na megalópole São Paulo apresenta sua cultura em festa religiosa popular que recebe cerca de 300 mil pessoas, assim como em pequenos grupos que mantém referências populares tradicionais. Nesse contexto ultraurbanizado essa festa religiosa paulista, assim como muitas outras, articulam os códigos tradicionais com os referenciais contemporâneos mercadológicos. Nesse caso, o universo religioso está ressignificado, assim como toda a cultura italiana paulista, articulado com a economia e sintonizado com as novas tecnologias.

A festividade religiosa, no bairro do Bixiga, além das demandas comunitárias recentes, é um produto cultural que faz parte da vitrine turística do Estado de São Paulo. Isso define uma expressão cultural contemporânea intensificada pelas redes comunicativas - folkcomunicações, conferindo-lhes poder de transformação permanente e adaptabilidade, que ampliam ou recriam as referências tradicionais, e fazem conexões religiosas e comerciais com grupos e agentes de localidades em tempos atuais.

Referências

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. Porto Alegre/RS: Edipucrs, 2001.

BENJAMIN, Roberto. **Folkcomunicação na sociedade contemporânea**. Porto Alegre/RS: Comissão Gaúcha de Folclore, 2004.

BOSI, Alfredo. **Cultura brasileira**: temas e situações. São Paulo: Ática, 1987.

BOSI, Ecléa. **Cultura e desenraizamento.** (in) BOSI, Alfredo. *Cultura brasileira: temas e situações.* São Paulo: Editora Ática, 1987.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Memória do Sagrado: estudos de religião e ritual.** São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade.** 4ª edição. São Paulo: Edusp, 2003.

DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação.** São Paulo: Atlas, 2005.

FEATHERSTONE, Mike. **O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade.** São Paulo: Studio Nobel: SESC, 1997.

MELO, José Marques de (org). **Mídia e folclore: o estudo da folkcomunicação segundo Luiz Beltrão.** Maringá/São Bernardo do Campo: Faculdades Maringá/Cátedra Unesco/Umesp, 2001.

SCHMIDT SILVA, Cristina. **Viva São Benedito: festa popular e turismo religioso em tempo de globalização.** São Paulo: Santuário, 2000.

SCHMIDT, Cristina (Org.). **Folkcomunicação na arena Global: avanços teóricos e metodológicos.** São Paulo: Ductor, 2006.

_____. **Novos caipiras: imagens midiáticas e processos folkcomunicacionais.** "Artigo" apresentada no GT 01 – Teoria, Metodologia, Gêneros e Formatos da Folkcomunicação, evento componente do XII Congresso Brasileiro de Folkcomunicação, e publicado nos Anais. Taubaté/SP: 2009a.

_____. **O comunicador folk e as festas de uma só. O Comunicador Folk e as festas de uma só.** Anuário Unesco/Umesp de Comunicação Regional. , v.5, p.35 - 42, 2001.

_____. **Travessias comunicacionais: povos migrantes e elos folkcomunicacionais,** Trabalho apresentado ao NP 13 – Folkcomunicação, do XI Congresso IBERCOM 2009 – Associação Ibero-Americana de Comunicação. Universidade da Madeira-Funchal, 16-19/Abril 2009b.

_____. **Redes Culturais Comunicativas: mídia e políticas culturais para o desenvolvimento regional.** Relatório Final de Estágio Pós-doutoral no Programa de Pós-Doutorado da Cátedra UNESCO/UMESP de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. Universidade Metodista de São Paulo: Mimeo, 2015.

SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). **História da vida privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Artigo recebido em: 31/07/2016

Aceito em: 04/10/2016